AS ORIGENS DO ESTADO E SEU REFLEXO NA SOCIEDADE

Eixo: Marxismo, educação e luta de classes: desafios históricos e urgências contemporâneas

Cinthia Gabriela dos Santos¹

Resumo

O presente artigo busca suporte teórico em Friedrich Engels (1984) a partir de um estudo da obra completa *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, bem como em Sérgio Lessa (2012) com *Abaixo a Família Monogâmica!*. Ambas as obras auxiliam na reflexão acerca da origem do Estado e suas principais contribuições para a sociedade de modo geral. Mesmo o Estado surgindo de forma diferente, este sempre foi utilizado para alcançar os mesmos objetivos. Tendo em vista que as referidas obras são riquíssimas para debater diversos temas, este artigo visa provocar apenas uma reflexão, a fim de expor que o Estado não é uma necessidade, tampouco uma criação insuperável. Dessa forma, apresentaremos o Estado e sua principal utilidade, desde sua origem até os dias atuais, ou seja, trata-se de um instrumento utilizado para favorecer a classe dominante, o qual foi acompanhado pelo nascimento do modelo de família monogâmica que facilitou o fortalecimento do mesmo, tendo em vista que o somatório de ambos foi de grande relevância para a derrota histórica do sexo feminino, bem como para a intensificação da exploração do trabalho humano.

Palavras-chave: Origem do Estado; Contribuições; Sociedade

Resumen

En este artículo se busca el apoyo teórico de Friedrich Engels (1984) a partir de un estudio de la obra completa *El origen de la familia, la propiedad privada y el Estado*, así como Sergio Lessa (2012) con *A bajo de la familia monógama!*. Ambas obras ayudarán a entender sobre el origen del Estado y de sus principales contribuciones a la sociedad en general. Mismo el estado emergente de otra manera, esto siempre se ha utilizado para lograr los mismos objetivos. Teniendo en cuenta que estas obras son muy ricas para discutir varios temas, este artículo tiene como objetivo hacer sólo una reflexión, a fin de exponer que el Estado no es una necesidad, ni un entorno sin igual. Por lo tanto, el estado actual y su utilidad principal, desde sus orígenes hasta nuestros días, es decir, es un instrumento utilizado para favorecer a la clase dominante, que estuvo acompañado por el nacimiento del modelo de familia monógama que facilitó el fortalecimiento la misma, teniendo en cuenta que la suma de ambos fue de gran relevancia a la derrota histórica del sexo femenino, así como la intensificación de la explotación del trabajo humano.

Palabras clave: Origen del Estado; Contribuciones; Sociedad.

¹ Universidade Federal de Alagoas

Introdução

Como cidadãos civilizados, pertencentes a uma sociedade de classes, ao fazermos uma retrospectiva em diversos livros didáticos de História, é possível acreditarmos que a sociedade sempre foi patriarcal e que o Estado é um elemento fundamental para a organização desta, sendo assim nós caímos no risco de naturalizar a presença deste e acreditar que é preciso que haja este instrumento de exploração e repressão da classe dominante sobre a classe dominada, porém não nos damos conta de todo o processo histórico que a humanidade sofreu para que houvesse a implantação do Estado.

A fim de que entendamos parte desse processo, dessa realidade muitas vezes ocultada, lançamos mão da obra de Engels (1984) *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, uma vez que esta obra é baseada nas pesquisas de Morgan e nos apresenta dados que normalmente não são expostos nos livros didáticos de História. Sendo assim, precisamos saber, mesmo que brevemente, que a sociedade já se organizou sem a existência do Estado.

Ao utilizarmos a obra de Lessa (2012) nos aprofundamos acerca dos tipos de família e percebemos que assim como a sociedade sofreu várias fases para que houvesse o aparecimento do Estado, a família também, sofreu até chegar ao tipo de família que conhecemos atualmente, ou seja, a família monogâmica. Engels (1984) apresenta importantes influências do Estado para a família, bem como da família para o Estado, e Lessa (2012) aprofunda essa ligação. Não será aprofundada, neste artigo, a temática acerca da família monogâmica, pois já debatemos esse assunto em outro artigo, sendo assim, aqui não permaneceremos no tema da monogamia, pois essa temática é apenas um dos reflexos ligados ao Estado.

Com o objetivo de mostrar que o Estado não nasceu de uma única forma, trazemos alguns pontos importantes do seu surgimento em dois lugares, são eles: Grécia e Atenas, dessa forma, destacamos parte da grande contribuição existente na referida obra de Engels (1984).

Épocas da inexistência do Estado

I ENITEFH – 08 a 11 de outubro de 2014 – Fortaleza – Ceará
Marxismo, Educação e Luta de Classes: desafios históricos e urgências contemporâneas

Para expor os dados das épocas pré-históricas em que o Estado era inexistente, Engels (1984) se baseia fielmente em Morgan, uma vez que este último possui grande propriedade para abordar a temática, uma vez que já conviveu numa tribo indígena americana que se organizava de maneira eficaz sem a existência do Estado, porém não apenas por isso, mas pelos aproximadamente quarenta anos que Morgan dedicou a essa pesquisa. Nela, está presente duas épocas; o Estado Selvagem e a Barbárie (divididos em primeira, segunda e terceira fase cada uma delas). A fim de resumir as duas épocas, vejamos abaixo uma tabela criada no relatório parcial do PIBIC 2013/2014, a partir da obra de Engels (1986):

ÉPOCA	FASE INFERIOR	FASE MÉDIA	FASE SUPERIOR
Estado Selvagem	O homem vivia em bosques tropicais e se prevenia dos ataques de animais vivendo parcialmente sobre as árvores. A alimentação era a base de frutas, nozes e raízes. Engels acredita que este período pode ter durado milênios.	Já domina o fogo e provavelmente a pesca, sendo assim, povoa distintos lugares. Inicia o período da pedra lascada, ou seja, a produção de instrumentos feitos de pedra, mal acabados e irregulares, entre eles, as armas que serviam para sua proteção e caça.	Povos neolíticos, ou seja, produtores de instrumentos polidos, entre eles, o arco e flecha, uma arma que facilitou a caça. Já utilizavam machado de pedra e com uma árvore inteira construíam pirogas. Em determinadas regiões utilizavam materiais para construções de casas.

ÉPOCA	FASE INFERIOR	FASE MÉDIA	FASE SUPERIOR
Barbárie	Inicia com a cerâmica, porém o destaque evolutivo nessa fase é a domesticação e criação de animais e o cultivo de plantas. Diversidades naturais entre dois continentes, o oriental e o ocidental. As principais diferenças são: os animais domésticos e os cereais. O oriente dispunha de muitas vantagens e quase todos os cereais próprios para cultivo, enquanto o ocidente só possuía um	Domínio de todos os metais, exceto o ferro. Muitas formas de sobrevivência, não há mais um acompanhamento evolutivo unificado. Diferenças entre Leste e Oeste. Este último cultivava hortaliças por meio de irrigação. Já o Leste desconhecia o cultivo de plantas, porém possuíam grande experiência com a domesticação de animais. Uma região experiente na	O homem une cada vez mais suas habilidades. Iniciamos a fase superior com a fundição do minério de ferro. Nessa fase temos grandes contribuições históricas e artísticas por exemplo, a arquitetura grega. Outra evolução foi o arado de ferro puxado por animais, essa evolução possibilitou a agricultura e não apenas pequenos cultivos. Em decorrência desse desenvolvimento de

I ENITEFH – 08 a 11 de outubro de 2014 – Fortaleza – Ceará
Marxismo, Educação e Luta de Classes: desafios históricos e urgências contemporâneas

	mamífero domesticável e usufruía, segundo Engels, do melhor cereal para cultivo, o milho.	criação de gado e responsável pela criação de grandes rebanhos. A antropofagia é praticada em poucas tribos, agora como crença religiosa e não mais como necessidade fisiológica.	produção, a população também foi aumentando.
--	---	---	--

Cabe ressaltar que Engels (1984) utiliza também as anotações de Marx, escritos estes deixados pelo autor antes de morrer. No item dois (*A família*) veremos uma comparação, feita por Marx e Engels, e posteriormente acrescentado por este último, acerca da família monogâmica e o proletariado.

Como pudemos perceber, as duas épocas expostas por Morgan é o estado selvagem e a barbárie, pois este apenas inicia alguns argumentos referentes a civilização e Engels, por sua vez, detalha esta última, porém não apenas isso, pois Engels (1984) possui dados importantes sobre esta época, o autor afirma que possui alguns dados mais consistentes que os de Morgan acerca de determinados aspectos sobre a época da barbárie.

A gens iroquesa

Engels afirma que quando estudamos toda a constituição social dos iroqueses, possuímos a oportunidade de conhecer uma sociedade que se organizava sem a presença do Estado. A fim de conhecermos um pouco essa forma de organização, recorreremos aos dados de Morgan presentes na obra *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* (1984). Destacamos então, brevemente, alguns pontos referentes: aos costumes e à forma de organização, para termos, mesmo que superficialmente, uma noção desse tipo de sociedade. O autor afirma:

Tal é toda a constituição social sob a qual viveram e vivem ainda os iroqueses há mais de quatrocentos anos. Dei a descrição dela feita por Morgan em todos os pormenores, porque aqui podemos estudar a organização de uma sociedade que não conhecia o ainda o Estado. (ENGELS, Friedrich.1984, p.105).

*I ENITEFH – 08 a 11 de outubro de 2014 – Fortaleza – Ceará
Marxismo, Educação e Luta de Classes: desafios históricos e urgências contemporâneas*

Engels cita cada detalhe de Morgan acerca da sociedade iroquesa, porém nós abordaremos pouquíssimos dados comparados ao que é detalhado na obra.

A forma das eleições era uma das ramificações dos costumes dos iroqueses, nela, tanto os homens quanto as mulheres possuíam o mesmo direito ao voto. Os chefes eleitos não podiam coagir nem ordenar, exceto o chefe militar que ordenava apenas às expedições militares. As propriedades dos mortos eram repassadas aos membros das gens, os mortos sempre eram enterrados em um lugar comum da gens. Vale ressaltar que as gens possuíam um conselho, uma assembleia democrática dos membros adultos. No que diz respeito ao matrimônio, nenhuma pessoa pertencente a gens possuía o direito de selar matrimônio no seio dela. Os membros da gens eram todos livres, um lutava pela liberdade do outro e protegiam-se. Engels (1984, p. 107) afirma que nessa constituição social americana “Não pode haver pobres nem necessitados: a família comunista e a gens têm consciência das suas obrigações para com os anciãos, os enfermos e os inválidos de guerra. Todos são iguais e livres, inclusive as mulheres”.

Engels (1984) não esconde sua admiração pela sociedade iroquesa, o mesmo afirma: “Admirável essa constituição da gens, com toda sua ingênua simplicidade! Sem soldados, policiais, nobreza, reis, governadores, prefeitos ou juízes, sem cárceres ou processos, tudo caminha com regularidade” (p.106).

Mesmo com uma organização social tão bem vista e tida por alguns teóricos como uma sociedade exemplar, esta admirável constituição chegou ao fim por causa do sentimento de superioridade às tribos alheias, dessa forma

O poderio dessas comunidades primitivas não poderia deixar de ser destruído e foi destruído. Desfez-se, contudo, por influências que desde o início nos parecem como uma degradação, uma queda da singela grandeza moral da velha sociedade gentílica. Os interesses mais vis – a baixa cobiça, a brutal avidez de prazeres, a sórdida avaréza, o roubo egoísta da propriedade comum – inauguraram a nova sociedade civilizada, a sociedade de classes; os meios mais ultrajantes minam e perdem a velha sociedade sem classes das gens: o furto, a violência, a perfídia e a traição (ENGELS, Friedrich. 1984, p.109).

Percebemos que com o fim da constituição gentílica, nasce a sociedade de classes entre os iroqueses, esta é originada através das discórdias, violência, sensações de superioridade,

roubos enfim, uma série de aspectos negativos, estes são semelhantes em diversos lugares onde nasce o Estado.

A família

O Estado não nasceu de uma única forma e momento em todo o mundo, porém o mesmo é utilizado a fim de alcançar objetivos idênticos. Antes de vê-los, precisamos conhecer os tipos de famílias existentes antes e depois do surgimento do Estado. Temos abaixo uma tabela, também fruto do resumo parcial do PIBIC 2013/2014 que resume os tipos de família mais importantes para os escritos da humanidade, são elas:

Família consanguínea	Família punaluana	Família sindiásmica	Família monogâmica
A primeira fase da família. As pessoas selavam matrimônio em grupo (entre irmãos e irmãs, pais e mães, avós e avôs) de acordo com cada geração.	Gradativamente foram proibidas as relações sexuais entre pais e filhos, bem como entre irmãos. A filiação é reconhecida apenas pela linhagem materna, assim o grupo torna-se uma gens.	Inicia o matrimônio por pares. Ainda existe a <i>poligamia</i> , porém não mais a <i>poliandria</i> . Início do casamento arranjado (o noivo oferece o dote à família materna). Ainda existe o lar comunista. O rebanho como propriedade privada e os homens cada vez mais valorizados.	O patriarcalismo (derrota histórica do sexo feminino) desvaloriza o trabalho doméstico da mulher, pois este não gera riqueza. O casamento como uma união de conveniência que inicia junto com a escravidão e as riquezas privadas.

Engels afirma que foi através de Lorimer Fison, esse missionário inglês, que passamos a ter alguma noção acerca do matrimônio por grupos. Fica claro que Engels lança mão de muitos teóricos em sua obra.

A partir dessa retrospectiva acerca das famílias, podemos perceber que a humanidade foi marcada, também, por vários tipos de famílias, porém na maioria das vezes os livros de História abordam, apenas a partir da família patriarcal e esconde a importância da mulher na pré-história.

Era através da mulher que era possível identificar e separar as gens, uma vez que as pessoas, na pré-história, se relacionavam sexualmente com vários parceiros ficava difícil identificar a gens pertencente de cada sujeito, sendo assim, era através da mulher a possibilidade da identificação, por esse motivo, a mulher possuía grandes vantagens, como por exemplo, as propriedades permaneciam na linhagem materna, a mulher tinha poder sobre os bens. No lar comunista, a mulher tinha toda autoridade para decidir sobre qualquer assunto que dissesse respeito ao seu lar, sua casa. Desde os aspectos econômicos até os de cunho mais domésticos. Pelo menos desde a família punaluana até a sindiásmica, a mulher era fortemente valorizada, porém com o surgimento das uniões por conveniência, com o heterismo, com o patriarcalismo, com a desvalorização do trabalho doméstico (não gerava riqueza), com o surgimento da monogamia, a mulher passou a ser desvalorizada, como já foi exposto, trata-se da derrota histórica do sexo feminino. Como já citamos anteriormente, Engels (1984) expõe uma comparação feita por ele e por Marx acerca da monogamia e do proletariado, vejamos qual era esse velho manuscrito antes de Engels fazer algumas alterações:

“Num velho manuscrito inédito, redigido em 1846 por Marx e por mim, encontro a seguinte frase: 'A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos'.” Posteriormente, Engels acrescenta:

O primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, iniciou, juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período, que dura até nossos dias [...]. (ENGELS, Friedrich.1984, p. 70-71).

Como podemos perceber, a monogamia nasce juntamente com a sociedade de classes, ou seja, com o surgimento do Estado. Nessa união travada de interesses (pois as pessoas passaram a se casar não mais por desejo sexual individual, mas por conveniências, para unir riquezas) o amor foi sufocado pelas propriedades privadas. É notória a ligação que há entre a desvalorização da mulher, a monogamia, o trabalho assalariado e o Estado, pois a mulher é desvalorizada com o início da monogamia que surge juntamente com a sociedade de classes fator que desvaloriza o trabalho exercido pelas mulheres na época e que obriga os seres humanos a

buscarem o sua permanência na terra de alguma forma, poucos se aproveitam do trabalho de grande parte da população, ou seja, a classe dominante explora a classe dominada, pois essa última foi desfavorecida e precisa trabalhar para garantir o sustento de sua família.

A origem da família monogâmica se situa na transição para a sociedade de classes. Para que a resistência contra a exploração seja controlável, é fundamental que os escravos, servos, proletários, etc. busquem a sua sobrevivência de modo individual, não coletivo. (LESSA, 2012, p. 25).

Os escravos, os servos e proletários possuem grande semelhança, todos esses fazem parte de uma linha evolutiva dos explorados, enquanto o senhor, o detentor das riquezas é sempre o detentor do poder, enquanto o pertencente da classe desfavorecida economicamente é o que deve prestar obediência, para garantir sua sobrevivência.

Épocas da instauração do Estado

Percebemos como todas as ações passaram a ser individuais, com por exemplo: a luta pelo sustento, pela “liberdade”, pelos direitos, ações e pensamentos estes bem divergentes das ações e pensamentos dos povos iroqueses, pois eles possuíam, como já vimos, conceitos bem diferentes de liberdade, sustento e direitos que defendemos hoje. Um exemplo disso é que, como já sabemos, os direitos para os iroqueses não seriam importantes se não fossem para todos, pois todos lutavam pelos direitos de sua tribo, diferentemente da nossa realidade atual.

O instrumento especial criado pela classe dominante para organizar e aplicar cotidianamente a violência é o Estado. Este novo complexo social, que nem em germe existia nas sociedades primitivas, é composto pelo Direito (as leis escritas, os juízes, magistrados, torturadores, prisões, etc.), pelas forças armadas (exército, polícia, vigilantes, milícias, etc., a parcela da sociedade que tem legitimidade para usar a violência em nome do Estado, isto é, das classes dominantes) e pela burocracia (LESSA, Sérgio. 2012, p.25).

Lessa (2012) aponta acerca da criação do Estado, e parte de sua utilidade. Como já conhecemos pouco de uma das sociedades primitivas, entendemos que, de fato, o Estado não existia nas sociedades pré-históricas, e se por um lado eles (os iroqueses) não estavam no apogeu

*I ENITEFH – 08 a 11 de outubro de 2014 – Fortaleza – Ceará
Marxismo, Educação e Luta de Classes: desafios históricos e urgências contemporâneas*

do seu desenvolvimento, por outro eram pessoas que se organizavam em sociedade e se preocupavam umas com as outras, faziam parte de uma época que todos os adultos cuidavam de suas crianças e das crianças dos seus vizinhos, ao contrário de hoje, uma época de egoísmo e competições.

Engels (1984) nos facilita esse entendimento no discorrer de sua obra, uma vez que aborda, em muitos capítulos, as ações dos iroqueses e contrapõe com os atos dos povos civilizados. A título de exemplo, o autor compara o aspecto físico dos homens de cada época, vejamos:

Como disse um pintor britânico: “Até o menor dos músculos desses homens sobressai, duro e acerado como fibra de chicote.” Tal era o aspecto dos homens e da sociedade humana, antes que se operasse a divisão em classes sociais. E, se compararmos a situação deles com a da imensa maioria dos homens civilizados de hoje, veremos que é enorme a diferença de condição entre o antigo e livre membro da gens e o proletário ou o camponês de nossos dias. (p. 108).

Baseando-nos teoricamente em Engels (1984) para abordar sobre o que há em comum entre as origens do Estado, percebemos que esse instrumento da classe dominante não foi criado ao mesmo momento em todos os lugares. A fim de possuir uma leve noção acerca da origem deste, trouxemos pouco da grande contribuição de Engels acerca do tema.

Engels afirma que na Grécia, a supervalorização da riqueza, a nobreza hereditária, a monarquia surgem com o início da decadência da constituição gentílica, assim como a escravidão passa a existir e as gens, diferentemente da que vimos com os iroqueses, não se respeitam, tampouco se defendem, mas ao contrário buscam de toda forma escravizar o outro de sua própria gens. Porém, ainda assim, o Estado ainda não existia, este passou a existir por causa de uma necessidade, como afirma Engels, a precisão dos detentores do poder protegerem as suas riquezas individuais. Para que possamos entender melhor, ficaremos com as palavras de Engels (1984) acerca dessa necessidade:

[...] uma instituição que não só assegurasse as novas riquezas individuais contra as tradições comunistas da constituição gentílica, que não só consagrasse a propriedade privada, antes tão pouco estimada, e fizesse dessa consagração santificadora o objetivo mais elevado da comunidade humana, mas também imprimisse o selo geral do reconhecimento da sociedade às novas formas de

*I ENITEFH – 08 a 11 de outubro de 2014 – Fortaleza – Ceará
Marxismo, Educação e Luta de Classes: desafios históricos e urgências contemporâneas*

aquisição da propriedade, que se desenvolviam umas sobre as outras – a acumulação, portanto, cada vez mais acelerada, das riquezas [...] (p.120).

Engels afirma que essa instituição, exposta por ele acima, não iria apenas originar uma sociedade de classes, mas também servir para que a classe dominante explorasse a classe dominada, sendo assim, o autor afirma que essa instituição nasceu, pois “Inventou-se o Estado” (ENGELS, Friedrich. 1984, p.120).

Como nossa intenção limitou-se apenas em detectar a origem do Estado em diferentes lugares, sem nos determos aos detalhes de acontecimentos prévios, da cultura do povo, de sua organização, etc., fomos diretamente a origem deste e posteriormente destacamos a semelhança que há com o surgimento desse instrumento em diferentes lugares.

Engels nos apresenta como o Estado foi sendo instaurado na antiga Atenas, primeiramente com o enfraquecimento da constituição gentílica, este era gradativo. Antes de continuarmos expondo acerca disso, cabe ressaltar os destaques de Engels sobre o conteúdo presente no capítulo V, denominado A gênese do Estado ateniense, de seu livro. Afirma que os dados de Morgan não estavam completos, sendo assim, precisavam de acréscimos os quais Engels possuía. Voltando ao surgimento do Estado em Atenas, Engels afirma que embora este já existisse, ainda estava em processo de desenvolvimento na época da barbárie (fase superior), uma época em que a sociedade já estava dividida em classes e não mais pelas gens, fatrias ou tribos, como já conhecemos na gens iroquesa. As pessoas residiam em lugares de acordo com o seu trabalho, e não mais por causa de suas famílias. A partir dos escritos de Engels, percebemos que no início da civilização, conseqüentemente da monogamia, a divisão de classes já estava bem estabelecida, a classe inferior bastante endividada e explorada que produziam para o comércio, diferentemente dos iroqueses que produziam para o próprio consumo, embora a constituição gentílica ainda existisse (cheia de brechas e em decadência) as pessoas já estavam sendo escravizadas, pois o Estado estava permanecia em processo de desenvolvimento até se instaurar por completo.

Até o momento vimos algumas épocas em que o Estado era inexistente, mesmo assim possuíam povos que se organizavam razoavelmente, bem como as formas de família e as épocas da instauração do Estado em dois lugares (Grécia e Atenas), Engels expõe outras regiões em que

o Estado surge, porém este artigo limita-se nestas duas, e foi a partir desses dados que percebemos algumas semelhanças quanto a origem do Estado. Segundo Engels, “O regime gentílico já estava caduco. Foi destruído pela divisão do trabalho que dividiu a sociedade em classes, e substituído pelo Estado.” (1984, p. 190). Sendo assim, este surgiu com o fracasso da constituição gentílica, dessa forma foi se fortificando até substituí-la.

Considerações Finais

Atualmente, se torna um tanto difícil, para muitos, imaginarem o mundo sem o Estado, pois este já foi utilizado há muitos séculos pela classe dominante, ou seja, muitas pessoas desacreditam que o mundo possa se manter organizado sem este instrumento de repressão.

Os livros de História, não abordam a real organização dos povos no estado selvagem, o verdadeiro valor da mulher nessa época, pois como vimos, a mulher era extremamente valorizada, uma vez que as tribos mais desenvolvidas intelectualmente proibiam a união de pessoas consanguíneas, ou seja, não podiam selar matrimônio no seio da gens, e foi nesse momento que a mulher mostrou sua grande contribuição para a efetivação dessa nova regra, pois os filhos paridos por uma mulher não poderiam selar matrimônio entre si, ou seja, a gens era identificada através da mulher. Dessa forma, as pessoas que nasciam de uma relação sexual não consanguínea eram mais fortes e resistentes à doenças, conseqüentemente mais produtivas para a tribo.

Entretanto, com a evolução das formas de família, temos também sua decadência, pois como vimos, a monogamia não assume o seu sentido etimológico da palavra, mas apenas o sentido histórico, uma vez que as pessoas se traem e não se unem por desejo sexual individual, mas por questões de conveniências. Foi nela também que, a mulher foi sendo cada vez mais desvalorizada, pois seu trabalho não gerava riquezas, aspecto negativo para uma sociedade de classes, produtora de riquezas e exploradora de mão de obra.

Lessa (2012) advoga, em uma das últimas páginas de seu livro *Abaixo a família monogâmica*, acerca da não aceitação e o não conformismo da condição social e organizacional que vivemos atualmente:

I ENITEFH – 08 a 11 de outubro de 2014 – Fortaleza – Ceará
Marxismo, Educação e Luta de Classes: desafios históricos e urgências contemporâneas

A importância em recordarmos que a humanidade já foi diferente está em demonstrar como o patriarcalismo que acompanha as sociedades de classe não é, nem precisa ser, o único futuro aberto à humanidade. A família monogâmica e a propriedade privada não são traços insuperáveis da vida humana, afinal de contas, já fomos diferentes. E, se já fomos diferentes, poderemos também, no futuro, não ser burgueses (p.105).

A monogamia serviu de grande auxílio para a elite, não apenas pela união de conveniência, mas pela intensificação do Estado, uma vez que as pessoas precisavam se preocupar com problemas e metas individuais, esqueciam de lutar pelo coletivo, não dispunham mais de tempo para preocupações de interesse geral, e o pior, além de não lutarem pelos interesses comuns, se tornaram rivais, a vida se tornou um jogo de vencedores e perdedores, onde o empate não é visto como algo positivo.

Com o desgaste da constituição gentílica e a gradativa instauração do Estado, a sociedade já não trabalhava mais para sobreviver, mas para pagar dívidas (como por exemplo, de hipotecas, dívida essa já existente em Atenas), em alguns lugares a vida se tornou insuportável por causa da usura.

Engels (1984, p. 201) encerra o livro com uma citação de Morgan acerca do Estado, esta apresenta uma afirmação positiva acerca do futuro da sociedade:

Para concluir, vejamos agora o julgamento da civilização por Morgan: “Desde o advento da civilização, chegou a ser tão grande o aumento da riqueza, assumindo formas tão variadas, de aplicação tão extensa, e tão habilmente administradas no interesse dos seus possuidores, que ela, a riqueza, transformou-se numa força incontrolável, oposta ao povo. A inteligência humana vê-se impotente e desnorteada diante de sua própria criação. Contudo, chegará um tempo em que a razão humana será suficientemente forte para dominar a riqueza e fixar as relações do Estado com a propriedade que ele protege e os limites aos direitos dos proprietários. Os interesses da sociedade são absolutamente superiores aos interesses individuais, e entre uns e outros deve estabelecer-se uma relação justa e harmônica. A simples caça à riqueza não é a finalidade, o destino da humanidade, a menos que o progresso deixe de ser a lei no futuro, como tem sido no passado. O tempo que transcorreu desde o início da civilização não passa de uma fração ínfima da existência passada da humanidade, uma fração ínfima das épocas vindouras. [...] A democracia na administração, a fraternidade na sociedade, a igualdade de direitos e a instrução geral farão despontar a próxima etapa superior da sociedade, para a qual tendem constantemente a experiência, a razão, e a ciência. Será uma revivescência da liberdade, igualdade e fraternidade

das antigas gens, mas sob uma forma superior.” MORGAN, Apud ENGELS, p. 552).

Ao vivermos sempre condicionados pelo trabalho, lutando de maneira individual, sem refletir acerca do interesse coletivo, e acreditando que essa forma que vivemos atualmente é a única condição de vida racional e eficiente, estaremos fortalecendo cada vez mais a permanência do Estado. Engels afirma que o proletariado é imaturo quando “considera a ordem social existente como a única possível” (1984, p. 195).

Diante do que estudamos, os dados de Morgan acerca do modo de vida, de organização e constituição dos iroqueses, na época da barbárie, indicam a possibilidade de sobrevivência sem o Estado, pois como já dissemos; o Estado não foi e nem precisa ser visto como uma invenção insuperável, tendo em vista que muitos já viveram sem a presença deste, em diversas épocas e localidades, sendo assim Engels afirma que nós não precisávamos do Estado antigamente e hoje ele é desnecessário para o proletariado, pois este só beneficia a burguesia e reflete a usura, cobiça, discórdia, competição sangrenta etc.

REFERÊNCIAS

BERTOLDO, Edna. **Atualidade da teoria marxista para a análise do Estado contemporâneo**. Projeto de Pesquisa. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. CNPq/UFAL/FAPEAL, 2013-2014.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade e do Estado**. 9. ed. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

LESSA, Sérgio. **Abaixo a família monogâmica!** São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

SANTOS, Cinthia Gabriela dos; BERTOLDO, Edna. **Da barbárie à civilização: o papel do Estado na manutenção da exploração do trabalho humano**. Plano de Trabalho. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. CNPq/UFAL/FAPEAL, 2013-2014.

SANTOS, Cinthia Gabriela dos; BERTOLDO, Edna. **Da barbárie à civilização: o papel do Estado na manutenção da exploração do trabalho humano**. Relatório Parcial. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. CNPq/UFAL/FAPEAL, 2013-2014, mar 2014.

SANTOS, Cinthia Gabriela dos; BERTOLDO, Edna. **Da barbárie à civilização: o papel do Estado na manutenção da exploração do trabalho humano**. Relatório Final. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica. CNPq/UFAL/FAPEAL, 2013-2014, jul 2014.